

# QUILTS EM DISPUTA: IDENTIDADE E HIBRIDISMO NO CONTO DE ALICE WALKER “USO DIÁRIO”\*

**Ricardo Ramos Costa\*\***

**Resumo:** Como parte de uma ampla transformação das sociedades modernas a partir do século XX, assistimos à incessante fragmentação das identidades culturais que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais. Na discussão do conto de Alice Walker “Uso diário”, abordarei a questão da negociação cultural e a configuração das identidades envolvidas no texto, tendo como orientação as lentes críticas de Stuart Hall, Homi Bhabha e Frantz Fanon.

**Palavras-chave:** Alice Walker (“Uso diário”). Estudos culturais. Hibridismo cultural.

*Imagine pensar que os negros escrevem apenas sobre ser negro e não sobre ser pessoa [...] (WALKER, 1998).*

## INTRODUÇÃO

■ **P**ara este trabalho, buscamos uma análise que reflita sobre as questões identitárias e seus desdobramentos (como as noções de raça, gênero, localidade geopolítica, orientação sexual etc.) a partir da leitura do conto “Uso diário”, de Alice Walker, de 1973. Nesse conto, que integra a coletânea *Os herdeiros de Poe: uma antologia do conto norte-americano no século XX* (MUTRAN, 1998), Alice Walker, utilizando um intenso realismo lírico e influência da tradição oral, centra-se nos sonhos e fracassos de pessoas comuns, ressaltando a busca da dignidade da vida humana. Alice Walker, afro-americana, escritora engajada nas questões da mulher (ou, como chama a si mesma, uma “mulherista”), está há muitos anos ligada ao feminismo, apresentando a

\* Nota dos editores: Todas as citações e referências deste texto são de responsabilidade do autor.

\*\* Instituto Federal do Espírito Santo (Ifes) – Vitória – ES – Brasil. E-mail: rramoscosta@ig.com.br

existência negra por meio da perspectiva feminina. Seu trabalho é reconhecido como um dos mais importantes da literatura de minorias no mundo.

Na discussão do conto “Uso diário”, abordarei a questão da negociação cultural e a configuração das identidades envolvidas no texto.

### MERCANTILIZAÇÃO DA ALTERIDADE

Como parte de uma ampla transformação das sociedades modernas a partir do século XX, assistimos à incessante fragmentação das paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais. Uma das consequências dessas transformações é o fenômeno conhecido como “homogeneização cultural”, e, segundo Stuart Hall (2003, p. 76), “o que está sendo discutido é a tensão entre o ‘global’ e o ‘local’ na transformação das identidades”. Ao lado da tendência em direção à homogeneização global, há também um interesse pela diferença, um interesse pelo “local” com a mercantilização da etnia e da alteridade.

No conto de Alice Walker, esse interesse pela diferença como mercantilização da etnia e da alteridade é apresentado de forma sutil na visita que a personagem Dee/Wangero<sup>1</sup> faz à sua mãe. Nessa visita, a personagem Dee/Wangero surpreende sua mãe com um repentino interesse por alguns objetos da casa. Esse interesse é estranho porque a mãe inicialmente apresenta Dee/Wangero como alguém que rejeita as suas origens. Rejeição marcada pelo ódio à sua casa: “Ela odiava demais aquela casa. [...] Esta casa é numa pastagem, também, como a outra. Não tenho dúvida que quando Dee a vir vai querer derrubá-la” (WALKER, 1998, p. 156).

Sua visita não é um retorno. É como um viajante que para fora de uma estrada e procura suvenires e lembranças para levar para casa. A mãe de Dee está confusa, não sabe como a filha reagirá quando chegar. Ela acredita que a filha ainda tem aversão ao local onde ela e Maggie moram, e que vai querer destruir a casa.

Dee/Wangero procura como um “antropólogo” objetos que, de alguma forma, ligam-na à sua herança cultural. Mas essa busca não é por algo vivo, mas por objetos que só servirão como alegoria de uma identidade que ela não mais reconhece como sua.

“Dee queria coisas bonitas” (WALKER, 1998, p. 156). Mas agora ela: “tira fotos e mais fotos de mim sentada ali, em frente da casa [...]” (WALKER, 1998, p. 158). A descrição da casa mostra uma construção precária, mas, mesmo assim, Dee/Wangero: “Nunca tira uma fotografia sem ter certeza de que a casa foi incluída” (WALKER, 1998, p. 158).

É como se antes de incorporar essa cena Dee/Wangero queira, com as fotografias, moldar esse mundo. Quer definir suas fronteiras para que possa segurá-lo, sem fazer parte dele.

Há uma distorção na busca de Dee/Wangero por sua herança cultural. Ela busca por aspectos de sua história que estão presentes em alguns objetos da

1 A personagem em questão é inicialmente apresentada na narrativa com o nome Dee. Quando, no conto, Dee chega para visitar a sua mãe, ela apresenta-se com outro nome: Wangero Leewanika Kemanjo. Por isso, opto por essa configuração (Dee/Wangero) ao me referir a essa personagem em meu texto.

casa, e esses objetos são considerados por ela exóticos e dotados de valor estético. Este é o seu interesse: "Posso usar a tampa da bateadeira como uma peça decorativa para o centro da mesa da alcova – ela disse, deslizando um prato sobre a bateadeira – e vou pensar em algo artístico para o batedor" (WALKER, 1998, p. 160).

Seu interesse é desvinculado de história e tradição. Esse fenômeno é observado por Stuart Hall (2003, p. 75):

*Quanto mais a vida social se torna mediada pelo mercado global de estilos, lugares e imagens, pelas viagens internacionais, pelas imagens da mídia e pelos sistemas de comunicação globalmente interligados, mais as identidades se tornam desvinculadas – desalojadas – de tempos, lugares, histórias e tradições específicas e parecem "flutuar livremente".*

É um interesse marcado pela "mercantilização". Um interesse flutuante como o próprio processo em questão. Agora Dee/Wangero quer ficar com as colchas velhas que, na época da faculdade: "ela me disse que isso não se usava mais, estava fora de moda" (WALKER, 1998, p. 161). Mas agora: "elas não têm preço, ela está dizendo agora, furiosamente" (WALKER, 1998, p. 161).

Esse percurso descrito salienta como fenômeno pós-moderno a negociação entre diferentes grupos culturais, que "reciclam" permanentemente suas tradições, desconstruindo e reconstruindo suas relações com as influências externas e internas. Essa negociação rejeita a existência de um centro cultural puro, não contaminado, e também a ideia de cultura como essência ou fenômeno acabado, preferindo trabalhar com a ideia de cultura como processo, em constante estado de construção e transformação. Entendendo aqui o pós-modernismo não como um período ou um estilo que tenha substituído o modernismo, mas como um movimento intelectual de intenso questionamento da modernidade, o fenômeno descrito aqui discute também o caráter cultural das identidades subjetivas, a natureza simbólica da realidade exterior e as novas formas de se lidar com o tempo, com o presente e com o passado.

## **HIBRIDISMO**

O conceito de hibridismo surge nos estudos culturais relacionado às questões de fronteira, exílio, diáspora e gêneros impuros, e busca analisar, principalmente, a questão das identidades dos grupos minoritários e suas relações com a contemporaneidade. Os estudos culturais produzidos na Inglaterra por Stuart Hall (2003a, 2003b) e Paul Gilroy (2001) enfatizam, em suas pesquisas, o caráter híbrido das produções culturais das Américas. O indiano Homi Bhabha tornou-se um dos maiores divulgadores do conceito de hibridismo na atualidade. De acordo com Bhabha (apud HALL, 2003, p. 74-75), hibridismo

*Não é simplesmente apropriação ou adaptação; é um processo através do qual se demanda das culturas uma revisão de seus próprios sistemas de referência, normas e valores, pelo distanciamento de suas regras habituais ou "inerentes" de transformação. Ambivalência e antagonismo acompanham cada ato de tradução cultural, pois o negociar com a "diferença do outro" revela uma insuficiência radical de nossos próprios sistemas de significado e significação.*

No conto “Uso diário”, a personagem Dee/Wangero configura-se como híbrida ao longo do texto. Primeiramente, a personagem Dee/Wangero é apresentada como sendo “diferente”. Ela não obedece ao padrão de comportamento de sua família (os Johnsons) que não tem uma “língua afiada”, que não é capaz de olhar “nos olhos de um homem branco desconhecido”. E segundo a mãe (narradora no conto): “Com Dee era diferente. Ela sempre olhou nos olhos de qualquer pessoa. A hesitação não faz parte de sua natureza” (WALKER, 1998, p. 155). “Aos dezesseis anos ela tinha um estilo próprio: e sabia que estilo era esse” (WALKER, 1998, p. 156).

Esse reconhecimento da personagem Dee/Wangero sob o aspecto da diferença é fundamental para entender a abordagem proposta. Esse reconhecimento sinaliza para a passagem entre identidades fixas e a possibilidade do hibridismo cultural que acolhe a diferença. É a identidade “diferente” da personagem Dee/Wangero que promove a busca pela negociação com outras identidades. A personagem em questão busca a negociação com outras “comunidades”, ela vai estudar “fora”, ela procura um modo de transformação social, que implicará, no processo de hibridização, a revisão de seus valores e gera uma tensão entre tradição e a tradução cultural, e também atuará na configuração de “novas identidades”.

Um dos aspectos do hibridismo é caracterizar-se como um processo de tradução cultural que nunca se completa, que permanece sempre indefinido. Stuart Hall (2003, p. 88), ao observar as formações de identidades de grupos que foram dispersos de sua terra, descreve:

*Essas pessoas retêm fortes vínculos com seus lugares de origem e suas tradições, mas sem a ilusão de um retorno ao passado. Elas são obrigadas a negociar com as novas culturas em que vivem, sem simplesmente serem assimiladas por elas e sem perder completamente suas identidades.*

Na visita à sua mãe, a personagem Dee/Wangero revela outros aspectos do processo de hibridização. Ela não é mais Dee. Ela troca de nome e, segundo ela, chama-se agora “Wangero Leewanika Kemanjo”. Ela justifica essa mudança dizendo: “Não pude suportar mais carregar o nome das pessoas que me oprimem” (WALKER, 1998, p. 158).

Ela retorna com um nome africano e com roupas africanas. Ela sai do carro com: “Um vestido que vai até o chão, nessa época de calor. Um vestido tão berriante que fere meus olhos. Há amarelos e laranjas suficientes para espantar a luz do sol” (WALKER, 1998, p. 157).

Se com a mudança de nome ela procura desvincular-se de seu passado, essa atitude não está afinada com seu comportamento na visita à sua mãe. Essa visita é marcada pelo estranho interesse por objetos comuns da casa, mas esses objetos têm ligação com a história de sua família e, conseqüentemente, com sua própria história. O que fica mais evidente aqui é que o processo de hibridismo é marcado pela indecibilidade. Há uma revisão de referências, normas e valores, mas essa revisão não transcende as complexas relações que marcam o processo. Há também custos e deslocamentos, conquistas e perdas, e a única certeza é que esse processo nunca se completa, não tem um fechamento.

A busca da personagem Dee/Wangero pelos objetos mencionados pode ser interpretada como uma tentativa de recuperar sua história reprimida, é o que o psicanalista Frantz Fanon (1979, p. 34) observa na sua leitura de reconheci-

mento da presença cultural: “O contexto colonial, já o dissemos, caracteriza-se pela dicotomia que inflige ao mundo. A descolonização unifica este mundo, exaltando-lhe por uma decisão radical a heterogeneidade, conglobando-o à base da nação, às vezes da raça”.

Em seu depoimento sobre a luta anticolonial na Argélia, “Fanon reconhece a importância crucial, para os povos subordinados, de afirmar suas tradições culturais nativas e recuperar suas histórias reprimidas” (BHABHA, 1998, p. 29). A cultura que é afirmada é a cultura africana. O negro que jamais foi tão negro como a partir do instante em que esteve sob o domínio do branco, quando resolve dar testemunho de cultura, fazer obra de cultura, percebe que a história lhe impõe um terreno determinado, que a história lhe indica um caminho preciso e que lhe cumpre manifestar uma cultura negra (FANON, 1979, p. 176).

No conto, as colchas velhas têm

*[...] pedaços de vestido que vovó Dee tinha usado mais de cinquenta anos atrás. Pedacinhos e partes de camisas de tecido de lã estampado do vovô Jarrell. E um minúsculo pedaço de um azul desbotado, do tamanho de uma caixa de fósforos de um centavo, que foi do uniforme que o bisavô Ezra usou na Guerra Civil* (WALKER, 1998, p. 160).

Agora as colchas velhas têm para Dee/Wangero um valor inestimável, “elas não têm preço”. Nesse ponto, a personagem busca nesses objetos uma forma de recuperar e preservar sua herança cultural. É uma herança que faz parte de sua identidade que é múltipla. É mulher, é negra, é norte-americana e está em negociação com outras identidades, está em processo de mutação cultural, ação inquieta e descontínua, e que não se fecha em si mesma. E essa busca gera conflito, o que é história para Dee/Wangero é presente para sua mãe e sua irmã Maggie. Os objetos que fazem parte da história de Dee/Wangero estão no presente de sua mãe e de sua irmã, como objetos comuns de “uso diário”.

## Os quilts

O problema da relação de Dee/Wangero com os quilts<sup>2</sup> pode ser pensado em termos de uma economia estética, cujo preço do objeto em foco flutua. Quando ela aparece primeiramente com as colchas nos braços e pergunta à sua mãe: “Posso ficar com essas colchas velhas?” (WALKER, 1998, p. 160), Dee/Wangero está especulando sobre o valor dos quilts. E quando sua mãe diz que já as têm prometidas a Maggie, a reivindicação de Dee é que as colchas “não têm preço”.

A pesquisadora inglesa Marianna Torgovnick (apud GABLIK, 2008, p. 630) avalia essa dinâmica nos objetos estetizados:

*Dentro da narrativa dominante como nos é relatado pelos historiadores de arte, a “elevação” dos objetos primitivos a arte é, com frequência, implicitamente vista como o equivalente estético da descolonização, como que trazendo os Outros*

2 As confecções de quilts ou patchworks eram ocupações comuns na maioria das sociedades antigas, até que objetos similares (colchas e cobertores de cama) passaram a ser manufaturados e ganharam disponibilidade e comercialização mais ampla. Todavia, o uso e a criação dos quilts passaram a ser associados aos pobres, que não podiam adquirir bens manufaturados e peças prontas. Com o passar dos séculos, o que constituía simples medida de economia acabou virando recurso estilístico, e assim surgiram os tecidos feitos de retalhos, conhecidos como patchwork ou quilt. A técnica consiste em unir pedaços de tecidos de cores e estampas diferentes ou aplicar retalhos sobre um tecido neutro de base, compondo temas figurativos ou abstratos visualmente ricos.

*para dentro da “tendência atual”, de forma tal que os estudos etnográficos, devido à sua própria natureza, não poderiam fazê-lo. Contudo, esta “elevação”, de certa forma reproduz, no domínio da estética, a dinâmica do colonialismo, já que os padrões do Ocidente controlam o fluxo da “tendência atual” e podem conferir ou reter a etiqueta de “arte”.*

No conto, uma polarização é estabelecida: Maggie e sua mãe representam “o uso diário” e compreendem os *quilts* como um processo e não como um produto; Dee/Wangero representa uma falsa estética que coloca coisas fora do uso, fora do lugar, ela vê os *quilts* como uma “coisa” que poderia concebivelmente circular como um produto no qual a atribuição de um “valor artístico” acaba por corromper suas reais significações. O contraste não é entre o uso e o não uso, entre pôr os *quilts* no uso diário ao contrário de pô-los fora do uso, pendurando-os sobre uma parede.

Os *quilts* representam a herança cultural que os afro-americanos herdaram de seus antepassados e que também tem um “valor” flutuante dentro da perspectiva do pós-moderno. É um objeto que metaforicamente possui características de hibridismo, é construído pela união de pequenos pedaços com histórias e origens diferentes, unidos por mãos que se unem para configurar algo novo, mas que tem em si as marcas de múltiplas identidades envolvidas. Sua construção é também processo de negociação com a história e com a tradição, com seus custos e perigos. É uma estrutura complexa que tem a marca da diversidade e do deslocamento. Objeto especialmente caro ao universo feminino, pois também é símbolo de criatividade e da força de trabalho de mulheres de várias gerações e culturas.

## CONCLUSÃO

Na última parte do século XX, o *quilt* se tornou uma metáfora para as mulheres e as suas vidas. Esse reconhecimento sinaliza para a passagem entre identidades fixas e a possibilidade do hibridismo cultural que acolhe a diferença. O conto de Alice Walker revela – com a estrutura de uma colcha de retalhos – a onda feminista com todos os seus conflitos identitários, pois a criação de *quilts* e as narrativas são inseparáveis. O *quilt* tornou-se a principal metáfora visual para a vida das mulheres, especialmente para as mulheres negras norte-americanas. Como diz Lucy Lippard (2008), uma “colcha é um diário de toque” que revela “uniformidade e disjunção”, bem como “a diversidade dentro da monotonia”. Assim, o *quilt* é também um texto, seus fragmentos revelam uma narrativa que se faz por meio de alternâncias e trocas.

### QUILTS IN DISPUTE: IDENTITY AND HYBRIDISM IN ALICE WALKER'S TALE “EVERY DAY USE”

**Abstract:** As part of a comprehensive transformation of modern societies from the 20<sup>th</sup> century on, we have witnessed to the incessant fragmentation of the cultural identities that, in the past, had provided to us strong evidence as social individuals. In the discussion of Alice Walker's tale “Every day use”, I'll bring up the issue of the cultural negotiation and the shaping of the identities involved

in the text, guided for the critical lens of Stuart Hall, Homi Bhabha and Frantz Fanon.

**Keywords:** Alice Walker ("Every day use"). Cultural studies. Cultural hybridism.

## REFERÊNCIAS

- BHABHA, H. K. *O local da cultura*. Tradução Myriam Ávila, Gláucia Renata Gonçalves e Eliana Lourenço de Lima Reis. Belo Horizonte: UFMG, 1998.
- FANON, F. *Os condenados da terra*. Tradução José Laurêncio de Mello. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.
- GABLIK, S. A estética da vida cotidiana. In: GUINSBURG, J.; BARBOSA, A. M. (Org.). *O pós-modernismo*. Tradução Fany Kon. São Paulo: Perspectiva, 2008. p. 629-640.
- GILROY, P. *O Atlântico negro: modernidade e dupla consciência*. Tradução Cid Knipel Moreira. Rio de Janeiro: Editora 34, 2001.
- HALL, S. A questão multicultural. In: HALL, S. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Tradução Adelaine La Guardia Resende et al. Belo Horizonte: UFMG, 2003a.
- HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2003b.
- LIPPARD, L. R. Os dois lados, agora: uma reprise. In: GUINSBURG, J.; BARBOSA, A. M. (Org.). *O pós-modernismo*. Tradução Fany Kon. São Paulo: Perspectiva, 2008. p. 641-649.
- LIPPARD, L. R. Dupla visão: mulheres da erva adocicada, do cedro e da sálvia. In: GUINSBURG, J.; BARBOSA, A. M. (Org.). *O pós-modernismo*. Tradução Fany Kon. São Paulo: Perspectiva, 2008. p. 651-660.
- MUTRAN, M. (Org.). *Os herdeiros de Poe: uma antologia do conto norte-americano no século XX*. São Paulo: Olavobrás, 1998.
- WALKER, A. Uso diário. Tradução Tereza Marques de Oliveira Lima. In: MUTRAN, M. (Org.). *Os herdeiros de Poe: uma antologia do conto norte-americano no século XX*. São Paulo: Olavobrás, 1998.

Recebido em julho de 2014.

Aprovado em dezembro de 2014.